



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIA IVONEIDE EDUARDO DA HORA

**EDUCAÇÃO INFANTIL ENTRE O CENTRO E A MARGEM NO
MUNICÍPIO DE ACARAPE - CE**

Redenção
2016

**EDUCAÇÃO INFANTIL ENTRE O CENTRO E A MARGEM NO
MUNICÍPIO DE ACARAPE-CE**

MARIA IVONEIDE EDUARDO DA HORA

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Dra. Luma Nogueira de Andrade.

Redenção
2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

H733e Hora, Maria Ivoneide Eduardo da.

Educação infantil entre o centro e a margem no município de Acarape - CE. / Maria Ivoneide Eduardo da Hora. – Redenção, 2016.

24 f.: il.; 30 cm.

Projeto de Pesquisa do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade.
Inclui referências.

1. Educação pré-escolar. I. Título.

CDD 371.21

MARIA IVONEIDE EDUARDO DA HORA

**EDUCAÇÃO INFANTIL ENTRE O CENTRO E A MARGEM NO
MUNICÍPIO DE ACARAPE-CE**

Projeto de Pesquisa submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Bacharelado em Humanidades, da UNILAB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 22/08/2016.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Luma Nogueira de Andrade (Orientadora)
UNILAB

Professor Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra
UNILAB

Professor Ms. José Wellington de Oliveira Machado
UFC/CREDE 8

RESUMO

O estudo aqui empreendido faz parte do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) do Bacharelado em Humanidades da UNILAB-CE. O objetivo deste trabalho é identificar os resultados de aprendizagem entre crianças que sempre estudaram nas creches do centro e da periferia da cidade de Acaraú- CE. O citado município possui em sua sede urbana duas creches, sendo uma no centro e outra na periferia, após as crianças concluírem esta etapa da educação infantil parte destas, e de ambas as creches, são matriculadas em duas escolas municipais uma localizada no centro da cidade e outra na periferia para cursar o ensino fundamental I. Em ambas as escolas, as crianças novatas passam inicialmente por um diagnóstico (avaliação da aprendizagem) e os discursos proferidos por alguns professores/as, gestores/as, estudantes e pais/mães com quem inicialmente estabeleci os primeiros contatos, afirmam que, as crianças advindas da creche do centro apresentam melhor desempenho cognitivo em relação às da periferia. Existindo assim uma generalização deste pensamento produzido pelo senso comum que pode interferir inclusive na autoestima das crianças advindas da creche da periferia. Tal problemática requer uma análise mais sistemática, que iniciaremos através da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, com a utilização da observação participante, diário de campo, entrevistas, aplicação de questionários e análise das avaliações diagnósticas. Assim, pretendemos descobrir nas escolas em estudo, se os discursos elucidados se confirmam considerando os resultados das avaliações diagnósticas e a sistematização do trabalho pedagógico nas creches em estudo.

Palavras- chave: Educação Infantil, Ensino-Aprendizagem, Centro-margem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	5
3 OBJETIVOS.....	9
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
5 METODOLOGIA.....	13
6 CRONOGRAMA	15
7 RESULTADOS ESPERADOS	16
8 REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

[...] todas as crianças devem ter o direito a uma educação infantil de qualidade, pautada em um projeto educativo emancipatório, que promova o desenvolvimento de suas potencialidades e contribua para uma participação ativa e efetiva na sociedade. (ANDRADE,2010 p. 18)

O presente estudo busca identificar os resultados da aprendizagem entre crianças que estudaram nas creches do Centro e da margem da cidade de Acarape – CE, As mesmas após concluírem a etapa de educação infantil e ao ingressar no ensino fundamental I, e serem submetidas a um diagnóstico (avaliação de aprendizagem) os discursos preliminares proferidos por alguns professores/as, gestores/as e familiares afirmam que as crianças advindas da periferia têm desempenho cognitivo inferior em relação às crianças do centro da referida cidade. Quando ouvi o referido discurso iniciei meus questionamentos: por que a culpa pelos maus resultados são atribuídos as crianças de origem educacional periférica? Quais os referenciais que tentam justificar tais posicionamentos? Quais os impactos destes discursos para crianças e seus familiares? Após a experiência que vivenciei como docente na creche da periferia da cidade de Acarape- CE, convivência com as crianças que ali estavam matriculadas, assim como estabeleci contato com professores não apenas da creche que trabalhava, mas de outra localizada no centro da cidade através de planejamento e encontros promovidos pela secretaria de educação municipal. O contato também com os educadores da escola de ensino fundamental localizada na periferia da cidade que recebe parte dos alunos/as de cada uma das creches foi uma constante e os diálogos sobre a aprendizagem cognitiva dos alunos eram inevitáveis. Discursos estes, que ultrapassavam o espaço profissional e chegava às ruas se propagando como “verdade”, mesmo sendo fruto de interpretações subjetivas.

Apesar dos discursos sobre a influência do local de origem das crianças e seu processo de aprendizagem a Lei de Diretrizes e Bases não preconiza esta distinção, ao contrário, estabelece a necessidade de uma educação de qualidade para todos, incluindo

neste contexto, a primeira etapa de ensino da vida do indivíduo, no caso a Educação Infantil que dela procede à busca pelo desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. De acordo com as metas estabelecidas no Plano Nacional da Educação (PNE), é necessário investimento na educação infantil, com atendimentos prioritários às crianças de 0 a 5 anos, onde essa tarefa está destinada aos municípios, devendo ser exercida sem distinção de qualquer natureza como de classe social ou localização geográfica.

As referidas creches fazem parte do mesmo município, onde a proposta pedagógica é a mesma e as formações de professores acontecem em conjunto, o conteúdo proposto também é o mesmo, supervisor é o mesmo, além destas existem outros elementos comum, mas também existem diferenças como localização, estrutura, entre outras. Essas observações despertaram em mim, o desejo de compreender o/ou os motivos pelos quais existe uma intencionalidade nos discursos de aferir que as crianças da periferia “não sabem de nada” ou sabem menos, e isto me conduziu a este estudo.

Com o intuito de buscar respostas para essas indagações, que trouxe inquietação, visto que as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem (gestores) no período que fui docente da creche da periferia não demonstravam muita preocupação com os referidos discursos, o que de certa forma contribuía para legitimar tal pensamento, pois segundo Foucault (1979) “o silêncio não significa neutralidade, mas posicionamento de manutenção da ordem.” Naquele momento todos estavam acostumados com aquela realidade, (aquela situação parecia algo que era visto com certa naturalidade) afinal, o que sempre eu ouvia quando eu questionava a situação, é que era assim mesmo, e esse tipo de resposta mim incomodava por se tratar do aprendizado de crianças e o resultado desse aprendizado seria uma herança que as mesmas iam levar pra vida toda.

Procuro compreender os principais elementos que tentam legitimar a proliferação no espaço escolar destes posicionamentos, e com isto poder contribuir através do conhecimento científico com a situação em questão.

Percebi no momento que atuei na creche da periferia (de agosto de 2014 a julho de 2015) um aparente comodismo diante de uma realidade bastante preocupante, não percebia iniciativas da comunidade escolar e local pareciam acostumado com aquela realidade, existe um diferencial notório na realidade de crianças da periferia e as do

centro, pois as crianças da periferia são vítimas de um processo sociocultural que hierarquiza a margem em relação ao centro não apenas em torno da localização geográfica mais também em relação cultura e o status de humano. O IBGE traz uma matéria onde diz que: “O nível de rendimento é a principal fonte de desigualdade de acesso à educação”, e que:

A principal fonte de desigualdade de acesso parece ser, de fato A principal fonte de desigualdade de, o nível de rendimento familiar, principalmente nos ciclos educacionais não obrigatórios, como a educação infantil.[...]. Entre as crianças de 0 a 5 anos de idade, 30,9% das mais pobres frequentavam creche ou pré-escola, chegando esta proporção a alcançar 55,2% no estrato 20% mais rico (IBGE,2009)

Porém, não justifica dizer que elas demonstram ter um índice de aprendizagem inferior (pelo fato de estarem inseridas naquela realidade periférica) vivenciei na creche como docente, situações diversas; crianças desestruturadas financeiramente, emocionalmente e familiar, porém seus resultados de aprendizagem divergiam não necessariamente as que estavam em situações mais vulneráveis tinham os piores resultados, assim como as de situações mais confortáveis obtinham os melhores resultados, não existindo a possibilidade de generalização.

A situação é complexa por se tratar de indivíduos que muitas vezes são invisíveis a sociedade, e mais preocupante ainda por se tratar de crianças, e, sobretudo de crianças pobres que a maioria das vezes já nasce com seus direitos básicos negados, essas crianças desde muito cedo estão sendo “rotuladas” que não são capazes de aprender.

Entendo ser necessário um olhar mais apurado nessa situação que faz parte de uma problemática séria e preocupante, e se aproximar dos reais motivo que reproduzem a idéia de incapacidade cognitiva das crianças oriundas da creche da periferia do município de Acarape-CE, da educação infantil.

A primeira infância não pode ser excluída de um processo educacional formal com vistas à aprendizagem de habilidades específicas para esta fase da vida. Neste contexto se faz necessário investimento pelo estado de garantia de condições para esta feita, assim como ocorre nas etapas da educação básica.

Os autores ressaltam que uma das consequências de integrar o atendimento da primeira infância ao setor educacional é a afirmação da educação infantil como um dever de Estado para com o direito das crianças a uma educação pública e de qualidade. Este processo efetiva o reconhecimento da criança como cidadã de direito e de fato, como sujeito sócio-histórico e cultural, cujo desenvolvimento se dá de forma integral nos aspectos físicos, emocionais e cognitivos. (NUNES, 2011, p.08)

O citado processo não pode gerar discriminações em relação a qualquer diferença, e destaco aqui que a classe social e localização geográfica de interesse deste trabalho em relação às creches em estudo, não são os pontos primordiais desse assunto. Mas, sem dúvidas é importante e necessário estarmos atentos a essas crianças que estão em condições de maior vulnerabilidade, no caso, as moradoras da periferia do município de Acarape-CE, e sermos sensíveis a uma série de problemas presente na vida e na realidade do dia a dia em meio a muitas dificuldades. NUNES diz ainda que não é uma preocupação recente inclusive manifestada pela UNESCO:

A UNESCO, [...], entre as suas missões, compromete-se a colaborar com os Estados-membros, visando ao primeiro objetivo da Educação para Todos [...] expandir e melhorar o cuidado e a educação da criança pequena, especialmente para as infâncias mais vulneráveis e em maior desvantagem[...] (NUNES,2011, p.07)

Sem dúvidas este cuidado se faz necessário considerando que este público já sofre uma série de dificuldades e que “muitas vezes estas crianças são submetidas [...] a práticas humilhantes sobre a legação [...] de que elas “não percebem”, “não sentem” as agressões [...]”, (PATTO ,1992,) por não ser considerado especificamente uma agressão física, mas a ausência de marcas no corpo não minimiza a violência moral e psicológica e as crianças percebem o que acontece ao seu redor, trago aqui alguns relatos retirados de um artigo intitulado: “A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro”. Muitos dos relatos presentes no referido artigo são bem parecidos com os que ouvi quando trabalhava na creche que está localizada na periferia, a fala de algumas educadoras no artigo revela o seguinte: “É muito difícil para a criança da periferia. Põe aí pe-ri-fê-ri-a, porque a gente sabe a bagagem que a criança traz de casa.” (PATTO,1992), outra diz: “Tem crianças com condição de aprender,mas não têm ambiente familiar, tem muita agressão dos pais entre si e contra os filhos. Elas não têm condições emocionais para aprender. ”(PATTO,1992), esses são discursos bem parecidos que estava acostumada a ouvir na creche que trabalhei.

O que percebi na experiência que vivenciei, é que existem realidades diversas e esses discursos não dão conta de responder o porquê de uma problemática complexa, é necessário desnaturalizar e desconstruir esses conceitos pré estabelecidos ao longo dos anos que acabam se cristalizando e elegendo a possibilidade de proximidade com a realidade.

2 JUSTIFICATIVA

Os questionamentos citados acima se iniciaram quando veio até mim a oportunidade de trabalhar como professora de educação infantil em uma creche localizada na periferia da cidade de Acarape -CE, assumi aquela turma no segundo semestre do ano de 2014, contando comigo eu já seria a terceira professora que aquela turma estava recebendo só naquele ano, e eu não tinha nenhuma experiência com educação infantil, nem formação acadêmica para atuar como professora mesmo assim fui lotada naquela creche. Tudo ali era novo para mim, mas a minha falta de experiência não impedia que enxergasse uma realidade muito preocupante, e o que vi ali me chamava à atenção, aquele seria o último ano daquelas crianças na referida creche, no ano seguinte elas ingressariam no ensino fundamental I, (muitas daquelas crianças já estavam na creche a pelo menos três anos) e o cenário que vi me trazia muita preocupação, mesmo não tendo experiência e formação para estar ali. Eu sabia da responsabilidade que estava diante de mim e que eu tinha pouco tempo até o final do referido ano, pois seria menos de 06 meses para trabalhar com aquelas crianças saberes básicos, muitas delas não sabiam nem escrever o próprio nome, outras não conheciam o alfabeto, algumas não conheciam as cores primárias, enfim era uma realidade bastante desafiadora, coisas básicas as mesmas ainda não sabiam, o que já deveriam saber por já está se encerrando o ano, e conseqüentemente o período delas na educação infantil, mas outras surpreendiam com a capacidade de aprendizagem adequada ao seu nível de desenvolvimento.

As frequentes indagações a respeito desta situação me levaram a desenvolver esse projeto de pesquisa, pois me preocupava a situação e aprendizado de muitas daquelas crianças (não eram todas as crianças que estavam naquela situação, mas era um número significativo). A partir daí comecei procurar saber como estava a aprendizagem das

crianças que frequentavam a creche localizada no centro da cidade, (conversando e perguntando as professoras e familiares das crianças que frequentavam a creche do centro) as respostas das minhas perguntas era que as crianças da creche do centro, já estavam bem mais avançadas, enquanto a realidade dos meus alunos era bem diferente e pra mim preocupante.

O que eu observei com as minhas “investigações” após as perguntas que costumava fazer era que crianças do centro tinham acompanhamento pedagógico com bastante frequência, os professores eram cobrados regularmente por um bom resultado, cobrança essa que não acontecia com a mesma intensidade na creche que eu trabalhava nos primeiros meses quando ali cheguei. (O núcleo gestor era composto por pessoas qualificadas), porém parecia que a maioria não se preocupava ou já estavam acostumados com a realidade daquelas crianças da periferia, e isso me deixava um tanto preocupada, ver que aquela realidade parecia algo normal e que muitos ali não demonstravam naquele momento muita preocupação, isso me inquietava muito, pois acredito que a educação infantil tem uma importância fundamental na vida de uma pessoa.

A educação infantil é à base da educação formal, e se não for bem feita essa base esses sujeitos vão levar as dificuldades para toda vida e isso vai refletir na comunidade local, nas escolas de ensino fundamental, médio, enfim, esses reflexos chegarão até nas universidades, ou seja, estarão presentes em todo percurso que esses sujeitos fizerem ao longo da vida.

Acredito que este é um assunto de grande importância não apenas para o município de Acarape-CE, mas para todos, penso ser uma dificuldade do país e até mesmo fora do país, sobretudo em países com índices de pobreza elevado como é o caso do Brasil. Apesar das dificuldades, muitas lutas ao longo dos anos foram fundamentais para algumas das poucas conquistas para o direito a educação infantil, sobre isso, a revista escola traz uma matéria onde fala o seguinte:

A Educação Infantil vem passando por um longo e permanente processo de transformação no Brasil, especialmente nos últimos 20 anos. Se antes as escolas responsáveis pela fase inicial do aprendizado da criança adquiriam caráter de assistência social, hoje é consenso que essas instituições são, sim, um assunto do âmbito da Educação. Mais do que isso: especialistas, educadores e pesquisadores reconhecem a

importância do desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida e encaram a vivência escolar como parte essencial desse processo. (ESCOLA, 2007)

É necessário estarmos atentos a essas conquistas e fazermos valer os direitos adquiridos e assegurados na Lei para as crianças. Educação é um direito de toda criança, esteja ela na periferia ou no centro da cidade, pois o fato de uma criança está na periferia esse direito não lhe pode ser negado ou confundido em situação precária ou de inferioridade em relação às creches localizadas nos centros das cidades.

Espero com essa pesquisa estimular os órgãos competentes a ter uma atenção especial (ou diferenciada) em relação à educação voltada a essas crianças que estão nestas áreas de risco e pobreza, e que a partir das questões levantadas os mesmos busquem soluções para amenizar essa problemática. Que o resultado dessa pesquisa possa trazer benefícios para muitas crianças, que por estarem inseridas neste contexto social de vulnerabilidade e pobreza, que por muitas vezes tudo e todos ao seu redor querem convencer-las que elas não são capazes de se sobressair (o que não é verdade) e que elas são responsáveis por tudo de ruim que venha a lhes acontecer; pelo simples fato de terem nascidas pobres e morarem na periferia, essa é uma realidade presente em nosso país:

[...] a realidade brasileira, marcada por um quadro de miséria, abandono, exploração e violação dos direitos de grande parte da população infantil proclama dos com a Constituição Federal (1988) e com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990). Segundo dados do Unicef, 2008, o Brasil possui a maior população infantil de até seis anos das Américas, representando 11% de toda a população brasileira. Conforme os dados socioeconômicos, a grande maioria das crianças na primeira infância se encontra em situação de pobreza. Aproximadamente 11,5 milhões de crianças, ou 56% das crianças brasileiras de até seis anos de idade, vivem em famílias cuja renda mensal está abaixo de ½ salário mínimo per capita por mês. Os dados estatísticos revelam, ainda, que as crianças são especialmente vulneráveis às violações de direitos[...]. (ANDRADE, 2010, p.22)

Com tudo isto e com as lutas sociais, muitos direitos foram incluídos na legislação vigente para beneficiar a educação infantil, mas em nosso país ter lei não é o suficiente, em um país como

o Brasil onde a Lei é desrespeitada todos os dias: “O desafio, hoje, [...] não é mais de fundamentar os direitos do homem, mas de protegê-los.” (ANDRADE, 2010 p.74).

Grande parte das crianças da periferia pertence a uma classe social diferenciada das que estudam no centro da cidade, será que só esse “fato” traria toda essa diferença no resultado da aprendizagem?

O fato de muitas dessas crianças da periferia viver em famílias desestruturadas passando por inúmeras necessidades, não é regra que eles que não serão bons alunos, lembro-me de uma criança da primeira turma que lecionei no ano de 2014, quando iniciei meu trabalho. Ela fazia parte de uma família tida como desestruturada por pessoas conservadoras, onde tinha problemas relacionados a drogas, a dificuldades financeiras, problemas na saúde etc... Essa criança que fazia parte desta família era o primeiro ano dela estudando, pois ela tinha ficado fora da creche até aquele ano, nunca havia frequentado a creche nos anos anteriores, essa criança cheia de “desequilíbrio na estrutura familiar” ela estava entre os mais avançados da turma.

Demonstrando assim que a suposta desestruturação familiar não é o único fator para um resultado educacional não satisfatório, porém essa era a resposta que muitos ali usavam como justificativa, muitas vezes quando eu questionava o porquê daquela realidade, a justificativa era eles vivem em “famílias desestruturadas”, e que tem muitas dificuldades em volta deles, entre outras justificativas. Pude perceber que existem várias realidades presente em uma sala de aula na periferia, e através daquela experiência foi possível perceber que existem crianças que não tem a família “tradicionalmente equilibrada”, mas essas crianças podem estar entre os “bons alunos”. “[...] embora a base familiar fosse necessária para que os educandos pudessem se apropriar dos conhecimentos e, portanto, serem “bons alunos”, na prática existiam alunos “bons” que não tinham uma mínima estruturação familiar”. (Lima, A. M. e Machado, L. B, 2012 p157)

Também é necessário perceber que existem crianças na periferia que fazem parte de famílias bem estruturadas e não têm um resultado educacional favorável, tive outra experiência no ano de 2015, de uma aluna que tinha uma família bem estruturada; filha única demonstrava ter uma condição financeira um pouco melhor que os demais alunos da sala, a mesma tinha acompanhamento da mãe nas tarefas e em tudo mais que lhe fosse sugerido, e ela não estava

entre os alunos “bons” da sala, demonstrando assim que a estrutura familiar não pode ser a única responsável por um baixo, ou melhor, índice no aprendizado de uma criança.

Em nosso estado os níveis de aprendizagem variam de uma instituição para outra, esse quadro se torna mais agravante, quando se refere às instituições que ficam localizadas nas periferias. Sabemos que a proposta curricular aplicada é a mesma para ambas, os serviços oferecidos geralmente são os mesmos em ambas as creches, porém o resultado final pode variar.

Diante da situação apresentada é necessário entendermos o que está causando essa diferença e o que é necessário fazer para melhorar a qualidade no ensino da educação infantil, e/ou minimizar a disparidade no resultado do ensino aprendizagem, das creches do município de Acarape – Ce.

Os discursos proferidos ao longo dos anos talvez tragam impactos negativos para a creche que está localizada na periferia, fazendo com que algumas famílias que moram na periferia não queiram matricular seus filhos na creche próxima de casa, e levam seus filhos a creche do centro que é mais distante, e isso faz com que a creche que está localizada no centro fique lotada e a creche na região periférica com o número bem menor de crianças.

Talvez seja possível um olhar sobre a gestão das creches e da sistemática de trabalho das mesmas, a fim que isso possa nos revelar problemas estruturais para oferta da educação infantil nas creches do centro do município de Acarape-CE.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

Compreender a inserção de crianças advindas de creches do centro e da periferia da sede do município do Acarape - Ce no ensino fundamental I.

3.2 Objetivos específicos:

1. Realizar uma discussão em relação ao processo de educação infantil no Brasil.
2. Analisar os resultados da avaliação diagnóstica realizada na escola com crianças vindas da creche do centro e da periferia.

3. Entender a percepção da comunidade escolar em relação à aprendizagem cognitiva das crianças das creches em estudo.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cenário projetado para as crianças que residem na periferia por ser considerado um espaço de maior vulnerabilidade e pobreza pode refletir na aprendizagem das mesmas. Após muitas lutas e envolvimento de mães, movimentos sociais etc, tem se implementado a conquista de direitos “reconhecidos”, porém mesmo com as melhorias adquiridas ao longo dos anos ainda existem muitas necessidades. Assim a educação infantil deve ser garantida com as condições necessárias, quer seja ela no centro, ou na periferia das cidades, para que de fato, o previsto na constituição seja posto em prática.

Independentemente desses relevantes avanços, o país chegou ao século 21 com uma situação bastante adversa em relação à sua população infantil. A prioridade definida na Constituição muitas vezes não tem sido assegurada, e as crianças brasileiras, especialmente aquelas de menor faixa etária, continuam esquecidas e negligenciadas. (UNICEF, 2005 p. 6)

A educação infantil é um direito que está presente na Lei maior do país, mas como afirma a UNICEF este não está garantido plenamente em sua prática. Temos o passo inicial do reconhecimento da criança enquanto sujeito social o que já representa certo avanço como afirma (Andrade 2010):

Atualmente, o reconhecimento da criança enquanto sujeito social e histórico, detentora de direitos sociais, faz da educação infantil uma exigência social, ocupando no cenário da educação brasileira um espaço significativo e relevante. Paralelamente ao

quadro de transformações societárias aliadas aos movimentos sociais e estudos acerca da infância, tem sido intensificado o reconhecimento da importância da educação das crianças para o pleno desenvolvimento das potencialidades do ser humano. (Andrade, 2010, p.23)

Neste contexto os direitos adquiridos são para as crianças independentes do espaço geográfico ou sócio econômico em que elas estejam inseridas. Qualquer distinção provoca fissuras no previsto na Lei e seria arbitrária e criminosa tal diferenciação, pois se tentaria hierarquizar as crianças pelo lugar de origem.

[...] para que esse direito se traduza realmente em melhores oportunidades educacionais para todos e em apoio significativo às famílias com crianças até seis anos de idade, é preciso que as creches e as pré-escolas, que agora fazem parte integrante dos sistemas educacionais, garantam um atendimento de boa qualidade. (BARBOSA, 2009 p.11)

Assim se faz necessário um olhar sensível à educação infantil por envolver crianças que vivem à margem e que sofrem uma série de privações e discriminação e muitas vezes são vistas com um olhar marginalizador e inferiorizador pelo contexto social local em que estão inseridas.

Os conceitos de periferia urbana e de subúrbio banalizaram-se de tal forma que é hoje difícil encontrar uma definição clara e consensual desses conceitos. Não admira que assim seja. Esses conceitos são usados normalmente de uma forma negativa e relativizada, isso é, por contra- posição a um centro.

É o grau de afastamento a cento de clarifica a posição periférica (física, social, morfológica, etc.) e esta é-o tanto mais quando maior é a visibilidade, o posicionamento o poder e a clareza dos atributos da condição central enquanto agregado social a periferia define-se por isso e também, não pela densidade ou pela intensidade do interrelacionamento interno ao nível local, mas sim pela dependência, pela subalternidade face as áreas centrais e aos locais de destinos dos habitantes-pendulares. (DOMINGUES, 1994 p. 06)

Estas crianças que vivem à margem são também habitantes pendulares que necessitam de uma atenção e/ou um cuidado para minimizar as supostas dificuldades enfrentadas no processo ensino aprendizagem da educação infantil, por ser à base da aprendizagem do ser humano, todo processo educativo formal se inicia na educação infantil. É nesta que é dado os primeiros passos para que as crianças sejam progressivamente inseridas em seu nível cognitivo de aprendizagem, inclusive para “uma formação cidadã, pois reconhece a criança como cidadã desde o nascimento.”(ANDRADE, 2010 p.92)

O resultado da aprendizagem pode realmente variar de criança para criança, de um estabelecimento de ensino para outro, porém é necessário um estudo mais aprofundado para ver o que de fato se estabelece na educação infantil desenvolvida na periferia e no centro da cidade. Será que de fato a aprendizagem cognitiva das crianças tem relação com a situação familiar e econômica a qual estas estão inseridas? Alguns estudos apontam também estas possibilidades.

[...]professoras que mencionaram a importância da família na construção do “bom aluno”, algumas centraram suas afirmações, sobretudo, no seguinte aspecto: o fato do aluno ser “bom” está aliado às características da sua organização familiar que, por sua vez, reflete as condições econômicas e/ou emocionais em que ele vive. Dito de outra forma, a família que está por trás do “bom aluno” não é qualquer uma, trata-se de uma família, em geral, dotada de recursos econômicos e/ou afetivos, elementos entendidos como necessidades básicas. Cumpre destacar que, enquanto no depoimento de uma das professoras, essas necessidades dizem respeito aos cuidados da família com a aparência da criança, para outra docente, ela se traduz, fundamentalmente, na garantia de uma necessidade de sobrevivência: a alimentação. Já no que se refere ao apoio afetivo, os depoimentos sugerem é fruto de relações familiares equilibradas, isto é, de lares onde os pais e/ou responsáveis convivem em relativa harmonia.(Lima, A. M. e Machado, L. B, 2012, p.156)

Estes posicionamentos são revelados em um estudo específico que não podemos cair no equívoco de generalizar, mas buscar entender a complexidade e as múltiplas abordagens que podem ser deliberadas sobre a situação. Na experiência que vivenciei na creche onde trabalhei vi realidades diversas onde crianças que tinham família considerada desestruturadas tanto financeiramente e afetivamente tinham um bom desempenho na aprendizagem, outras situações onde crianças viviam em uma estrutura familiar considerada tradicionalmente adequada, com condições financeiras até superior as demais crianças e com total apoio dos pais/mães, mas mesmo assim não tinha um resultado satisfatório na aprendizagem, ou seja, cada caso é um caso e a generalização se apresenta como cilada para a investigação. Em uma problemática dessa dimensão não tem como afirmar que um único motivo é causador do nível de aprendizagem cognitiva das crianças em Creches. A situação é preocupante porque vai refletir de forma direta na vida das crianças e acaba repercutindo nas demais modalidades de ensino e até na vida para além dos espaços educativos formais.

5. METODOLOGIA

O estudo requer uma análise mais aprofundada e o método que será utilizado é o da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica por possibilitar a melhor inserção do estudo.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis. (DESLANDE, 1994, p. 21)

Nesta metodologia é possível estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos, sendo desta forma adequada diretamente ao desenvolvimento do que se propõe este trabalho.

[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos. (GODOY, 1995, p. 21)

Esta metodologia será ainda mais potencializada com as técnicas da observação participante, onde terei contado direto com o objeto de estudo e esse contato possibilitará o aprofundamento deste estudo.

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. [...] A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômeno que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observamos diretamente na própria realidade, transmitimos o que há de mais importante e evasivo na vida real. (NETO, 1994 p.59)

Esta técnica possibilitará um olhar mais detalhado, porém não é fácil, pois requer um cuidado e uma atenção maior pelo fato que o investigador tem duplo papel, ele é investigador e ao mesmo tempo é participante, mas acredito que essa experiência, esse contato, produz uma riqueza maior ao trabalho, possibilitando inclusive maior precisão acerca dos dados coletados. Sobre isso, Godoy acentua que:

Na observação participante, o observador deixa de ser o espectador do fato que está sendo estudado. Nesse caso, ele se coloca na posição dos outros elementos envolvidos no fenômeno em questão. Este tipo de observação é recomendado

e entrevistas																		
Tabulação de dados												X	X					
Redação do trabalho												X	X	X				
Revisão / redação final / defesa														X	X	X	X	

7 RESULTADOS ESPERADOS

Espero com este trabalho se aproximar a máximo da realidade vivenciada pelas crianças das creches da periferia e do centro da cidade de Aracape-CE, de forma a elucidar informações que possibilitem à gestão municipal de Educação as creches e escola de ensino fundamental envolvida uma tomada de consciência em relação a aprendizagem cognitiva na educação infantil.

Alguns estudos mencionados anteriormente pretendem produzir respostas que tentam generalizar a questão, mas, um olhar específico sobre o problema, possibilita uma melhor elucidação pela aproximação que se estabelece com as realidades em análise. Entre alguns estudantes, professores, gestores e comunidade local se produziram uma estigmatização negativa das crianças de origem humilde (periferia da cidade) e isto pode está contribuindo com a baixa estima destas em relação inclusive as capacidades cognitivas destas, e se as próprias creches/escolas que recebem as crianças podem de alguma forma já estarem com esta compreensão ocorre o que chamamos de “rotulação” dos sujeitos de origens periféricas negativamente. A análise destes comportamentos pode levar a uma mudança no comportamento do grupo para com as crianças vindas da zona periférica.

Com este estudo será possível descobrir se os discursos proferidos pela comunidade em relação ao desempenho cognitivo das crianças de origem periférica é uma realidade, e se refletem ou não os resultados das avaliações diagnósticas.

8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso , legislação e práticas institucionais**. São Paulo: UNESP; São Paulo:Cultura Acadêmica,2010.

BARBOSA, Maria Carmem; HORN, Maria da Graça Souza. Indicadores da Qualidade na Educação Infantil. **Brasília: MEC/SEB**, 2009.

CRUZ NETO, Otávio et al. O trabalho de campo como descoberta e criação.**Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 4, p. 51-66, 1994.

DOMINGUES, Álvaro. Subúrbios e (sub) urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. **Revista da Faculdade de Letras: Geografia**, 10-11, 1994-1995, p. 5, 1994.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LIMA, Andreza Maria; Machado, Laêda Bezerra. **O ‘bom aluno’ nas representações sociais de professoras: o impacto da dimensão familiar***,Recife :UFP,2012 disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326538017> acesso em:03/02/2016

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social. **Teoria, método e criatividade**, v. 18, 1994.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; Corsino, Patrícia ;Didonet, Vital . **Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. Brasília. UNESCO. 2011

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 3, n. 1-2, p. 107-121, 1992 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03/02/2016 (15:31)

UNICEF et al. O município e a criança de até 6 anos. **Direitos cumpridos, respeitados e protegidos**. Brasília: Unicef, 2005.

<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/criancas-adolescentes-e-jovens.html> (acessado 17/06/2016 14:45 hs)

<http://teen.ibge.gov.br/%E2%80%A6eve%E2%80%A6/3371-aniversario-de-acarau-ce> (acessado 17/06/2016 14:56 hs)

<http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/34463> (acessado 18/06/2016 as 15:05 hs)

http://novaescola.org.br/politicas-publicas/educacao-infantil-prioridade-422791.shtml?fb_comment_id=570311013083374_714719191975888#f19dd4f1a84ac78
acessado (26/06/2016, as 16:03hs)

<http://www.unicef.org/brazil/pt/municipio.pdf> (acessado, as 20;36 18/08/2016)